

CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Felicidade e Célio Sarmiento da Silva – CONDIR NORTE

Sílvio e Dilva Fomero – CONDIR SUDESTE

Lenir e Silvano Barbosa de Souza – CONDIR SUL

Maria do Rosário e Felipe de Castro Figueiredo – CONDIR NORDESTE

Zilda e Dorvalino Marcon – CONDIR CENTRO-OESTE

Rosana e Rubens Carvalho – COORDENAÇÃO NACIONAL

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Amorim Alves, Camila Contente Pavão, Gabryel Oliveira de Souza

Jorge Antônio Soares Leão, Lucilea do Socorro Souza Costa, Kleber José Oliveira Rodrigues, Maria Sebastiana Soares Leão

Solange Castellano Fernandes Monteiro/José Ailton Monteiro (CONDIR Sudeste, MFC - RJ)

Rainey Barbosa Marinho (CONDIR NORDESTE, MFC - AL)

Arte e diagramação Anderson Nogueira (amarartesvisuais@gmail.com) e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

A terceira asa —————	4	Da gente que tem memória para lem- — 31
Thiago de Mello		branças sutis
Um toque de carinho e cuidado, e o — 6		A sabedoria do coração ————— 32
mundo se cura...		Solange Castellano Fernandes Mon-
Seção Saúde Integral ————— 7		teiro e José Ailton Monteiro
Bebidas para o Sistema Cardiovas-		Reflexões sobre a Sétima Arte ————— 36
cular: Hipertensão Arterial		Dicas de Leitura ————— 41
A encantadora de balões ————— 9		Educação popular e processos de — 42
A condição humana e suas tensões — 11		aprendizagem
Jorge La Rosa		Holismo: uma crença ou um método? — 45
O drama do ser em Hamlet ————— 13		Pensar é transgredir ————— 47
Jorge Leão		Reflexões sobre a felicidade... ————— 50
O senhor e o servo (Leon Tolstoi) — 16		O homem-que-podia-tudo ————— 51
A concepção "bancária" da educa- — 17		Flor na fenda da rocha ————— 54
ção como instrumento da opressão.		O vaso refrescante ————— 57
O rei do dedo de ouro ————— 21		O conto da cebola ————— 59
Vida renascendo... ————— 26		Ser mais... ————— 61
A vida e o encanto que dão sentido — 27		Jorge Leão
a tudo		Conectar-se ————— 63
Maria das mulheres divinas... — 29		
Jorge Leão		



*Trago uma esperança nova
Tão nova como a primeira
luz que marca o amanhecer
da vida de cada homem.*

*Trago a sabedoria
das cores que dançam no ar,
mas que se reúnem,
cada qual no seu lugar,
quando é preciso fazer
um arco-íris.*

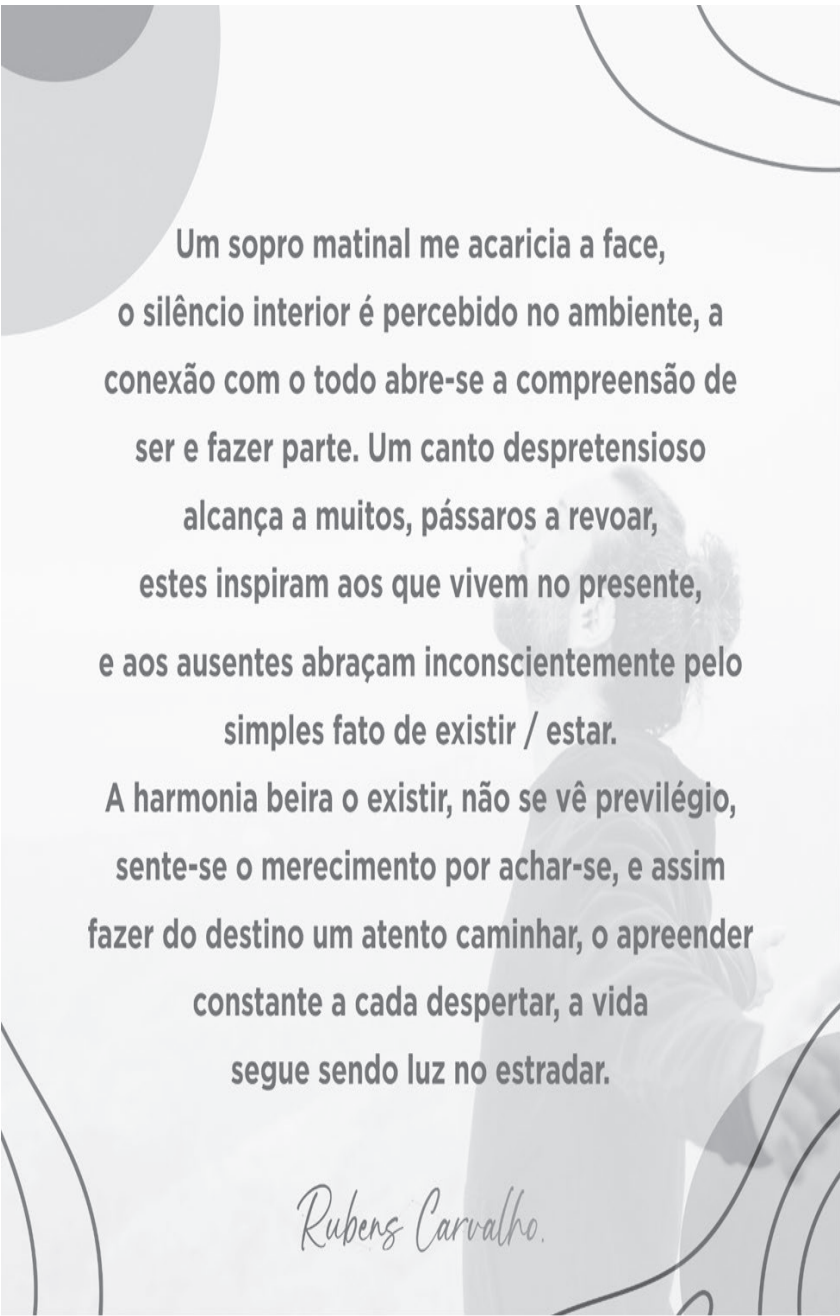
*Trago a lição interminável
que dois amantes ensinam
quando se abraçam luminosos
para inventar o amor.*

*Trago o milagre da vida
que lateja neste instante
no coração de uma criança
que acaba de nascer.*

*Chego no rastro de um pássaro
que atravessa a luz atlântica
com sua terceira asa
feita de canto e poesia,
que rasga no tempo o rumo
estrelado da utopia.*

*O pássaro chega entregando
com seu poder de canção
a certeza de um futuro
que está começando agora
na aurora da tua frente,
na palma da tua mão.*

Thiago de Mello,
Brasília, 95.



Um sopro matinal me acaricia a face,
o silêncio interior é percebido no ambiente, a
conexão com o todo abre-se a compreensão de
ser e fazer parte. Um canto despretenso
alcança a muitos, pássaros a revoar,
estes inspiram aos que vivem no presente,
e aos ausentes abraçam inconscientemente pelo
simples fato de existir / estar.
A harmonia beira o existir, não se vê privilégio,
sente-se o merecimento por achar-se, e assim
fazer do destino um atento caminhar, o apreender
constante a cada despertar, a vida
segue sendo luz no estradar.

Rubens Carvalho.

Um toque de carinho e cuidado, e o mundo se cura...



*Uma presença de luz, e o coração se enche de paz!
Uma fatia de pão partilhado, e uma multidão se sacia...
Uma palavra que emana do coração, e uma alma renasce...
Um canto vindo do mais profundo da terra, e a vida aflora...
Um gesto de carinho, e o mundo se torna próximo...
Um olhar de ternura, e a jornada se torna mais leve...
Um abraço apertado, e a dor se vai...
Uma escuta atenta, e o coração se enche de gratidão...
Um caminho compartilhado, e a estrada se refaz...
Uma vida alimentada pelo pão diário da compaixão, e tudo adquire
um novo modo de ser...
O Amor cura! E a palavra cheia de luz amorosa renova!*

Sabedoria dos Séculos



Bebidas para o Sistema Cardiovascular

Hipertensão Arterial

As sopas frias preparadas com hortaliças são bons remédios contra a hipertensão arterial



GASPACHO ANDALUZ

O gaspacho é uma sopa fria de hortaliças cruas, temperada com azeite de oliva extravirgem. Embora existam diversas variedades, o mais conhecido internacionalmente é o GASPACHO ANDALUZ, apresentado aqui.

Um estudo realizado na Universidade de Barcelona (Espanha) demonstrou que o consumo habitual de gaspacho é associado a uma redução tanto da pressão sistólica (máxima)

quanto da diastólica (mínima) nas pessoas com elevado risco cardiovascular. Esse efeito regulador proporcionado pelo gaspacho se deve à ação do tomate, que por si só já é um hipotensor, potencializado por outros ingredientes.

Fazer uso do GASPACHO ANDALUZ é uma forma muito agradável de hidratar-se, de suprir-se de vitaminas e fitonutrientes, além de depurar o sangue e prevenir a hipertensão arterial.

"Todo amor deve ter sua realização concreta, para poder ampliar-se em ondas, por sobre o mundo."

Dom Paulo Evaristo Arns (1921 - 2016)



INGREDIENTES (PARA QUATRO PORÇÕES DE 250 ml):

- Quatro tomates médios (cerca de 360 g)
- Um pepino médio (cerca de 200 g)
- Um pimentão médio, de preferência na cor verde (cerca de 100 g)
- Meia cebola (cerca de 55 g)
- Duas fatias de pão integral (60 g)
- Dois dentes de alho (cerca de 10 g)
- Três colheres (sopa) de azeite de oliva (13,5 g)
- Uma colher (chá) de sal, de preferência sal marinho (cerca de 6 g)
- Suas colheres (sopa) de suco de limão ou vinagre de maçã
- Uma xícara (chá) de água (240 ml)

PREPARO:

1. Colocar todos os ingredientes no liquidificador, exceto o azeite. Bater até que se forme uma massa homogênea. Se desejar, também se pode usar uma batedeira.
2. Acrescentar o azeite à medida que os ingredientes são triturados, de forma que vá se misturando a eles.
3. Coar (se preferir).
4. Servir numa taça, podendo-se acrescentar uma guarnição de pimentão, cebola, pepino ou outras hortaliças bem picadas e cubinhos de pão torrado.

Fonte: PAMPLONA, Jorge. O Poder medicinal dos sucos e shakes – bebidas saudáveis para fortalecer seu corpo. Tradução: Wilson F. Almeida. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, p. 76 – 77.

A ENCANTADORA DE BALÕES

Achava aquele trabalho desgastante, como todo serviço o é sempre que a pessoa tem certeza de que não nasceu para aquilo. Mas a hora dela ia chegar, pensava esperançosa entre uma tarefa e outra.

A vantagem do trabalho mecânico é que você não precisa pensar. Se você encara isso pelo ângulo de que não é obrigado a pensar muito no trabalho enquanto o executa, é mesmo uma vantagem.

A tal moça estava em horário de expediente. Parada na porta da loja de shopping, estrategicamente posicionada entre a vitrine – entendamos: sem tapar a visão dos produtos expostos – e o canto da porta de entrada da loja – sem atrapalhar o trânsito de clientes que entravam e saíam da loja.

Custei a entender que era uma funcionária. Acho que detive meu olhar na moça porque enquanto esperava na fila do quiosque de sorvete em frente a loja, notei que vestia roupas de corte quase infantil. Uma espécie de macacão jeans azul escuro com uma calça legging cor-de-rosa por baixo.



Já ia desviar o olhar quando a mágica aconteceu. Uma senhora com uma criança de colo se aproximou para espiar a vitrine. Os olhinhos do bebê encontraram os da moça de uniforme, até poucos instantes atrás perdidos entre pasantes e sorvetes. O braço esquerdo da moça, até então oculto para mim, ergueu-se em direção ao bebê mos-

trando-lhe um grande balão cor-de-rosa. A criança sorriu e espalmou a mãozinha na bexiga. Por uma fração de segundo, o sorriso da moça teve a mesma cor que o da bebezinha.

Gosto de pensar que houve uma ligação ali, fugaz, mas seguramente doce. E no momento seguinte, a moça estava só novamente, parada no mesmo lugar, o olhar distante.

A fila do sorvete era devagar, mas eu quase apreciei que aquele momento passasse em câmera lenta. É que fixei o olhar na cena e assisti a uma sequência inestimável. A moça entrou na loja e voltou em silêncio, com outro balão na mão. Pouco depois o entregava sorrindo a uma garotinha que arriscava os primeiros passos naquele corredor. Viu-se se afastar com o balão, o andar cambaleante, refletiu um pouco e tornou a entrar na loja. Retornou pouco depois com um balão azul, que dessa vez foi entregue a um menino grande o suficiente para se aproximar dela, pedir o balão com os olhos e um mover de sobrancelhas e soltar um obrigado entre risos, os olhinhos vidrados na bexiga de ar.

Aproximei-me a fim de receber meu sorvete e a vi pela última vez: dois balões dessa vez, rosa em uma mão, laranja na outra.

Não cheguei a ver os sorrisos que geraram, pois a essa altura eu já seguia o sentido oposto, entretida com o sorvete, mas não o suficiente para deixar de pensar comigo sobre o que acabara de presenciar.

É que a vida é encanto e a mágica que nossos olhos são capazes de captar mora no segundo em que nosso coração se aquece.

Talvez a moça não tenha nascido para o comércio, mas sim para ser encantadora de balões coloridos que atraem crianças e sorrisos.

É que a gente custa a descobrir para que nasce e às vezes, quando não é levado a pensar muito, passa pela vida sem descobrir.

Torço para que um dia a moça dos balões veja o próprio reflexo na vitrine da loja em frente e una ao olhar até então perdido, esse sorriso que colore o dia e encanta crianças.

Fonte: GUIMARÃES, Talita.
Recorte! 1ª. ed. Rio de Janeiro:
PoD editora, 2015, p. 29 – 30.

“Aquele que persiste em seu egoísmo nunca consegue experimentar a verdadeira sensação de alegria e paz.”

Heitor Miyazaki: “Conquiste a Felicidade com Amor”, p. 23.



A condição humana e suas tensões

Jorge La Rosa

O ser humano se constitui e se constroi a partir do encontro com outros seres humanos, está em devir e construção permanentes. Ser solidário, cultivar uma compaixão ativa em relação aos que sofrem, reconhecer em cada rosto humano a própria carne e no semelhante uma extensão do eu, – é sua vocação, na qual se realiza e humaniza; no lado oposto, no assassinato de mulheres pelos maridos, de pais pelos filhos, nas lutas homicidas pelo controle do tráfico, nos bombardeios de hospitais por aviões militares na guerra civil da Síria, em Aleppo, nos assaltos à Petrobrás para satisfazer uma fome sem limites de dinheiro e poder, o indivíduo se distancia de seu destino, manifesta um rosto desfigurado. Ao longo da vida o ser humano vive essa tensão

entre os dois opostos. De um lado o impulso para a ascensão e significância, do outro a negação do sentido de vida e conspiração contra o processo de humanização. Ou de outro modo, há uma tensão entre o desejo de se tornar um ser humano digno e forças destrutivas e conspiratórias, ela também aparece nos pequenos ou grandes deslizos do cotidiano. Exemplos: a palavra que machuca e gera conflito, a hostilidade e ódio ao diferente, o abuso de álcool, a violação da lei do trânsito, a sonegação do imposto justo, o trabalho mal feito, o alimento negado a quem tem fome, o salário injusto pago ao trabalhador...

A condição humana é caracterizada pela divisão interior em busca permanente de unificação, que termina quando finda a vida humana; a desejada unidade será então alcançada por

graça daquele no qual não há fissuras nem divisões, e a cuja semelhança fomos criados. Estamos no tempo sob o signo da divisão, e essa é uma das cruces que traz sofrimento, e quanto maior, maior a desgraça, o que São Paulo já disse na Epístola aos Romanos: "Ai de mim que faço muitas vezes não o bem que quero, mas o mal que não quero" (7,18), o próprio Jesus abordou a questão quando disse que todo o reino dividido não pode subsistir (Lucas 11, 19-20), incitando-nos a buscar e construir constantemente sob o signo do bem e do amor a unidade interior que na medida em que é construída torna o ser humano feliz - felicidade que ninguém pode tirar. A divisão interior é ao mesmo tempo graça para não esquecermos que somos criaturas, não somos Deus, mas precisamos de sua misericórdia para nos perdoar e de sua graça para nos unificar.

A Psicologia também aborda a questão, uma perspectiva clássica é a de Freud na sua concepção de personalidade. O id ou o que isso representa a

dimensão impulsiva, governada pelo princípio do prazer, aí se encontram as pulsões eróticas e as destrutivas que precisam ser civilizadas e canalizadas tendo em vista os valores e normas oriundos da cultura e incorporados pelo superego ou supereu; entre os impulsos do id e os valores e normas da cultura travam-se, por vezes, batalhas de diversos calibres. A personalidade está constituída sob o signo da tensão entre essas forças, ou seja, precisa buscar permanentemente sua unificação através do ego ou eu, mediador entre esses dinamismos e encontrar caminhos aceitáveis (culturalmente) de satisfação. O ego é governado pelo princípio de realidade.

A divisão interior do ser humano tem sido objeto de reflexão filosófica, teológica e de análise psicológica. E convergem em aspectos importantes. Por outro lado, a busca de unificação é horizonte e objetivo de toda existência.

E-mail: larosa1134@gmail.com

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

"Todos deveriam ajudar a manter o bem-estar do mundo com uma consciência universal de amor e serviço."

ParamahansaYogananda
(1893 - 1952)



O drama do ser em Hamlet

Como é amargo saber do drama da consciência humana no sofrimento trágico da traição. Assim está situada a tragédia de Hamlet, escrita por William Shakespeare (1564 – 1616), entre os anos de 1600 e 1601. Filho do falecido Hamlet, o antigo rei da Dinamarca, e sobrinho do atual rei, Cláudio, o personagem-título vê-se na incumbência de vingar-se do assassinato de seu pai. A partir de uma aparição espiritual, o espectro (o espírito em forma de imagem da pessoa falecida) de seu pai revela que sua morte é, na verdade, fruto de uma conspiração entre seu irmão Cláudio e sua esposa, a rainha Gertrudes, mãe de Hamlet.

São as recordações da vida diária no palácio do reino da Dinamarca que levam

a Hamlet todo o peso de sua dor. Uma mãe pretensamente cuidadosa revela-se como a mais ardilosa das criaturas, fazedora de mentiras e desencantos. Seu tio, Cláudio, agora transformado em rei, em pacto de traição com a amante e rainha, é o mentor do crime, e o executor da tragédia. Além disso, o jovem Hamlet ama a jovem Ofélia, que é filha do fidalgo (indivíduo que tinha títulos de nobreza) Polônio, que está a serviço do rei Cláudio, como cúmplice de suas pérfidas artimanhas na busca insaciável pelo poder real.

Em torno da revelação do espectro, a tragédia shakespeariana constituída de cinco atos, levanta questões dolorosas da experiência humana no mundo. A conhecida expressão: "ser ou não ser, eis a questão!" (Ato III, Cena I)

é o fundamento sobre o qual repousa a alma do personagem em busca de si mesmo. Em seu percurso de dúvidas e desespero, Hamlet apresenta o eterno conflito entre a lei terrena e a lei divina (Ato III, Cena III), tecendo em torno de si a dramática relação de uma consciência fatalista, a partir de um indivíduo assolado por dúvidas morais e temores mortais (Ato I, Cena IV). A peregrinação em torno da vingança (Ato I, Cena V), bem como o pessimismo diante da existência (Ato I, Cena II; Ato III, Cena I), que se estruturam sobre uma visão decadente da mulher (Ato III, Cena I; Ato III, Cena II) encontram-se articuladas em torno da constante referência à amizade, que é vivida na fidelidade entre Hamlet e seu único amigo Horácio, apresentado como modelo de ser humano (Ato III, Cena II). E tudo isso se completa pela perfeita existência de uma Providência que cuida do mínimo movimento das coisas, como na queda de um pardal (Ato V, Cena II). A tragédia humana vivida pelo personagem Hamlet é, desse modo, compreendida a partir da apresentação destas questões fundamentais, definindo a profundidade de uma singular abordagem psicológica em Shakespeare, sob a elaboração poética de

intensos diálogos e monólogos, que se constituem em verdadeiros tesouros da literatura universal.

Assim, a pena de Shakespeare acena para a centralidade do céu e do inferno que residem na consciência angustiada do ser humano em busca de si mesmo. Diferentemente da visão medieval, em que o inferno era uma realidade objetiva, dada, ligada diretamente ao castigo divino pelos pecados cometidos pelos seres humanos, e o céu, uma porta para a eternidade abençoada como recompensa pela fidelidade dos mesmos ao projeto de Deus, em Hamlet essas realidades encontram-se internalizadas no indivíduo. A certeza imediata deste inferno psicológico é sentida quando Hamlet se convence de que a vingança é necessária para que a justiça seja restabelecida na memória do pai traído. Nada é tão imediato quanto a outorga da vingança, por um crime em que o jovem Hamlet não era participante, muito menos responsável. Este é um dos grandes paradoxos lançados no texto de Shakespeare, e que o ocorre justamente na consciência internalizada do personagem protagonista.

Dentro do contexto vivido por Shakespeare, na transição do período medieval para

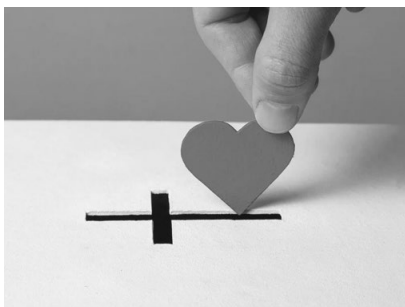
a Modernidade, o antropocentrismo (o ser humano como medida de todas as coisas), o individualismo (a consciência como unidade indivisível do ser humano), o racionalismo (a razão como fonte de conhecimento e sentido para a existência), o naturalismo (a busca pelo senso de harmonia da Natureza através da arte), o hedonismo (a busca pelo prazer como equilíbrio e fonte de felicidade), o ceticismo (a presença da dúvida constante, desafiando a garantia de uma verdade absoluta), são enfoques decisivos para a construção literária de uma visão profundamente crítica, na busca incessante de uma elaboração filosófica centrada no problema da consciência humana como centro da especulação existencial na jornada humana sobre o tempo que passa.

Efetivamente, é custoso saber das horas que passam. Ser participante do drama existencial do príncipe da Dinamarca, o jovem Hamlet, que reside em sua célebre frase: “ser ou não ser, eis a questão!”, como tarefa central da filosofia em Shakespeare. Nesta via de dupla possibilidade, o ser em Hamlet é dramático, pois não constitui uma obrigação a elaboração da resposta imediata, mas uma dádiva do apelo do ser ao recôndito processo de carregar o peso da pena do mundo nos ombros da alma. Ser sendo, no silêncio profético que nutre a ternura do tempo, e apaga toda lembrança da vingança que um dia nos consumiu a alma...

Jorge Leão

Professor de Filosofia do IFMA, membro participante do Movimento Familiar Cristão, em São Luís, Maranhão.

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦ *Frase para reflexão:* ♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦



“A verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor.”

Paulo Freire: “Pedagogia do Oprimido”, p. 42.

O senhor e o servo (Leon Tolstoi)

Decidido a finalizar a compra de um terreno que havia negociado por um rendimento irrisório, um proprietário de terras obcecado por seus rendimentos parte de trenó ao cair da noite.

Mesmo com um tempo ameaçador, ele se vê preso junto com Nikita, seu servo, por uma violenta tempestade de neve. Quando percebe que talvez seja sua última noite, sua visão muda inteiramente. Deita-se então sobre o corpo enregelado do empregado, a fim de, num último gesto pela vida, protegê-lo com seu próprio calor. Ele morrerá, mas conseguirá salvar Nikita.

Por meio desse gesto, o senhor atinge um sentimento de graça que nunca conhecera ao longo de uma vida inteira de homem inteligente e calculista. Pela primeira vez, ele vive no presente e no dom de si.

Vencido pelo frio, sente que se torna um só com Nikita, sua própria morte não tem, portanto, importância, uma vez que Nikita vive...

Lançado fora de seu egoísmo, descobre uma suavidade, uma verdade comovedora na essência da própria vida, e no momento de morrer ele vê a luz – um grande raio branco no fim de um túnel.

*Adaptado por David
Servan-Schreiber*



A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão.



Seus pressupostos, sua crítica

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras.

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos.

Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais

som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la.

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em

que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão

sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador.

[...] Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.

Daí, então, que nela:

a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;

b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;

c) o educador é o que pensa; o educandos, os pensados;

d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;

e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;

f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;

g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;

h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;

i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;

j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de “experiência feito” para ser de experiência narrada ou transmitida.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto

mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos.

Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu “humanitarismo”, e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade. Por isto mesmo é que reagem, até instintivamente, contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas visões parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto ao outro, ou um problema a outro.

Na verdade, o que pretendem os opressores “é trans-

formar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime” (Simone de Beauvoir), e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem.

*Fonte: FREIRE, Paulo.
Pedagogia do Oprimido. 79ª.
ed. Rio de Janeiro: Paz e
Terra, 2021, p. 79 – 84.*

Questões para debater em grupo:

1 – Em que sentido a educação “bancária” possibilita relações de opressão na escola e no mundo da vida?

2 – Como é visto o processo do conhecimento humano no contexto da educação “bancária”?

3 – A passividade dos educandos é um dos aspectos implicados na relação verticalizada do modelo de educação denunciado pelo autor durante o texto. Em que medida poderemos, diante das próprias características do método preconizado pela prática depositária da educação “bancária”, apontar um contraponto político-pedagógico para tal perspectiva educacional?

4 – Em que medida a metodologia participativa abraçada pelo MFC em seus encontros formativos e celebrações pode apontar caminhos de superação para o modelo ainda hegemônico da educação “bancária”?

O REI DO DEDO DE OURO



Longe, bem longe daqui, no vale do rio Wei, existe ainda hoje um vilarejo chamado "O Rei do Dedo de Ouro". Aí, antigamente, vivia um camponês chamado Wang, que quer dizer "rei". Sem dúvida o destino se divertira em chamá-lo assim, pois aquele rei não tinha um tostão no bolso, quanto mais um reino! E raramente tinha a oportunidade de fazer uma boa refeição, com entrada e sobremesa. De nada lhe adiantava trabalhar duro no seu pedacinho de terra; as ervas daninhas cresciam mais fortes do que o arroz.

Mas Wang não se queixava muito, e costumava dizer:

- Um dia tudo isso vai mudar!

Uma bela tarde ele estava dormindo o sono dos justos. De repente, a gralha lhe disse:

- Wang, Wang, levante-se! Os Oito Imortais vêm vindo aí!

Wang acordou contra a vontade, todo surpreso: "A gralha estava falando com voz humana? E sobre os Oito Imortais? De onde será que vinham? Puxa, devo ter sonhado!". E, virando-lhe do lado certo, voltou a dormir.

Mas nem bem tinha fechado os olhos, a voz da gralha se fez ouvir novamente:

- Wang, Wang, levante-se! Os Oito Imortais chegaram!

Nosso Wang se sacodiou, levantou-se a contragosto, e foi olhar pela janela. Puxa! O que era aquele estranho cortejo, ali, na sua porta?

Wang os contou mentalmente: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito. "Pela minha alma, são de fato oito", pensou maravilhado. Olhou com mais atenção. Não, não era uma ilusão, ele não estava enganado. À frente havia com certeza uma feiticeira, e depois dela, no seu

jumento, vinha sem dúvida Xang-Ku-Lao, e o último, que mancava e se apoiava num bastão, não podia ser outro senão Li, o Manco. Por pouco Wang não gritou, tamanha foi a sua surpresa!

Mas logo tomou uma ousada resolução: "Vou segui-los", disse com seus botões, e em três tempos fez a sua trouxinha, para ir às pressas atrás do estranho cortejo.

Wang caminhava nos calcanhares de Li, o Manco, mas nenhum dos Imortais se virou para trás, nem parecia notar a presença dele. E assim seguiram, seguiram, até chegarem à margem de um rio.

Então a feiticeira que ia à frente parou, virou-se para os outros e disse:

- Tomem bastante cuidado, e pisem bem de leve, para não esmagarem a crista das ondas.

- Para nós, isso não é nada – interrompeu o Manco, que ia à frente de Wang. – Mas o que vamos fazer com este mortal? – acrescentou, virando-se para o rapaz que o seguia, como se soubesse há muito tempo que ele lá estava.

- A sorte decidirá – disse a feiticeira. – Se ele for chamado, passará para o outro lado, senão terá de ficar aqui.

- Ouça: – disse o Manco a Wang – eu o farei atravessar, se

você cumprir três exigências.

- Até trinta, se for preciso! – exclamou alegremente o nosso Wang. – Pois eu lhe pergunto: o que um homem não prometeria, para estar entre os Oito Imortais?

- Em primeiro lugar, quando eu o levar sobre as águas do rio, você terá de olhar para a frente, e expulsar da mente todo pensamento impuro. Senão, você cairá na água e se afogará – disse o Manco.

- Nada mais simples – respondeu Wang.

- Em seguida, – prosseguiu o Manco – você deverá abandonar tudo o que traz consigo.

Claro, Wang teve uma certa hesitação interior, pois o que trazia na pequena trouxa era tudo o que possuía no mundo. Mas disse:

- Está bem! Se eu ficar entre os Imortais, não precisarei mais destas coisas!

Pegou então a trouxa e atirou-a na água de maneira decidida.

- E, por fim, terá de beber o divino néctar, que o salvará de todas as impurezas terrenas, e o deixará tão leve que você poderá andar por sobre as águas, até a outra margem.

- Beberei, beberei! – prometeu Wang, todo satisfeito com a ideia de saborear uma deliciosa bebida divina.

- Colha uma folha de melão e enrole-a para fazer um cartucho – ordenou o Manco.

E, enquanto falava, tirou do cinto um frasquinho, desarrolhou-o, e depois derramou um pouco do licor divino no copo improvisado que Wang lhe estendia.

Mas pfff, que cheiro repugnante saía daquele líquido escuro e viscoso! Wang fechou os olhos, tentando vencer a repulsa e beber, mas seu estômago se fechou e ele empurrou para longe o copo de folha de melão, exclamando:

- Não, de jeito nenhum! Quem consegue engolir uma bebida tão infame?

- Você não quer? O problema é seu; a culpa será apenas sua – declarou o Manco.

E, pegando o cartucho de folha de melão, levou-o aos lábios, engolindo gulosamente o conteúdo.

- Palerma! – disse depois de beber. – Você recusou o néctar da nossa mãe do Ocidente! Como pôde ser tão atrevido a ponto de dizer aquelas palavras ofensivas a respeito dela? Somente este néctar poderia ajudá-lo a passar para a outra margem. Agora é tarde demais. Volte para a sua casa!

- Tenha piedade, seja generoso, meu bom Li, perdoe-

me – suplicou Wang, caindo de joelhos.

Mas o Manco continuou inflexível:

- Não adianta implorar; você não pode mais vir conosco. Mas guarde esta folha como uma preciosidade: ela lhe trará sorte. Lembre-se, porém: somente deverá usá-la para fazer o bem aos pobres e infelizes. Caso contrário, tudo sairá mal para você.

Dizendo isso, Li, o Manco, entregou a Wang a folha de melão, voltou-se e foi se juntar aos companheiros. Wang admirou a leveza com que os Oito Imortais deslizaram sobre as águas e se afastaram rapidamente. Agora estava amargamente arrependido por não ter conseguido se forçar a beber o licor divino, mas de nada adianta colocar a tranca na porta depois que a casa foi arrombada! Contrito, Wang contemplava o copinho, quando notou que algumas gotas de néctar tinham ficado coladas à folha. Usando a ponta do dedo, esforçou-se para juntar o líquido, e, com dificuldade, juntou apenas uma gota, que imediatamente levou aos lábios. Assim que a engoliu, um calor suave lhe inundou o corpo todo, enquanto sentia nascer dentro de si uma força nova. Seu olhar recaiu no dedo com o qual juntara o restinho de

líquido mágico, e ele ficou paralisado de espanto: a ponta do dedo brilhava como se fosse feita do mais puro ouro!

“Com certeza devo ter um poder mágico neste dedo”, disse consigo mesmo, todo satisfeito. “Graças a ele vou ficar rico!”

Pegou então, na beira do rio, a sua modesta trouxa que ficara presa nos arbustos, e tomou o caminho da sua pobre morada.

Dali em diante sua sorte mudou de maneira admirável; logo ele se tornou um curandeiro milagroso, célebre numa redondeza de muitas léguas. Bastava-lhe colocar o dedo de ouro na boca de um paciente para curá-lo imediatamente de qualquer doença.

Ora, acontece que a peste se espalhou a uma velocidade fulminante naquelas paragens. As pessoas morriam como moscas. Wang tinha trabalho de sobra. As multidões acorriam para a casa dele como os rios correm para o mar. Vinham ser tratadas pelo Rei do Dedo de Ouro, como diziam.

Wang teve então uma ideia desastrosa: pensou com seus botões que não podia passar o seu tempo cuidando de quem não tinha um centavo para lhe pagar, e que só iria cuidar daqueles que pudessem

recompensá-lo generosamente. Desse dia em diante, enriqueceu cada vez mais, pois muitos pobres vendiam até o seu último pedacinho de terra para salvar a vida dos entes queridos.

Ora, um dia alguém veio bater à porta do Rei do Dedo de Ouro. Wang foi abrir, mas fez cara feia ao ver um velho mendigo todo esfarrapado.

- O que veio fazer aqui? – resmungou ele. – Você bem sabe que não trato de mendigos como você!

- Ora, não me reconhece? Sou um velho amigo seu!

- Você? – indignou-se Wang. – Nunca em toda a minha vida conheci gentinha da sua laia!

- Vamos, procure nas suas recordações – sugeriu o velho.

Ao ouvir aquilo, Wang ficou furioso e exclamou:

- Vamos, vá embora daqui, desapareça da minha vista!

- Mesmo por dinheiro, você não quer me tratar? – perguntou ainda o mendigo.

- E quanto você me poderia dar, infeliz? – perguntou Wang, com ar de desprezo.

- Talvez mais do que você pensa – respondeu o velho com voz suave.

E, enquanto falava, tirou cem ducados do bolso. Wang arregalou os olhos, que já

brilhavam de cobiça, e disse, num tom bem diferente:

- Mas certamente, senhor, terei grande prazer em tratar do senhor, se assim deseja. Tenha a bondade de abrir a boca.

E colocou o dedo de ouro na boca do velho.

Nesse instante, o mendigo mudou de aspecto, e Wang estremeceu de terror diante do rosto severo do seu benfeitor, Li, o Manco.

- Você esqueceu a missão da qual o encarreguei, esqueceu que devia socorrer os infelizes.

Wang continuava parado, plantado, consternado, assustado.

- Desapareça! – ordenou Li, o Manco, apontando o indicador na direção da casa do Rei do Dedo de Ouro. E no mesmo instante já não restava nem sinal dela.

- Desapareça! – bradou por fim, tocando de leve no dedo de ouro de Wang. E, diante disso, Wang desmaiou de medo. Quando voltou a si, seu primeiro pensamento foi que devia ter sonhado, mas

bastou um único olhar sobre si mesmo e ao seu redor para convencê-lo do contrário. Estava deitado, vestido com os seus antigos farrapos, e usando a sua pobre trouxinha como travesseiro.

Fonte: BAZAGLIA, Paulo (coordenação editorial). Contos Chineses. Tradução Thereza Christina F. Stummer. São Paulo: Paulus, 1996, p. 7 – 11.

QUESTÕES PARA REFLETIR EM GRUPO:

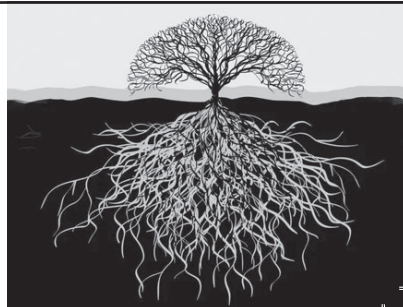
1 – Como estamos trabalhando os talentos que nos foram concedidos pela sabedoria da vida?

2 – Em que sentido as palavras de um líder podem ser utilizadas para manipular e oprimir o povo? Como podemos observar esse aspecto em nossos dias?

3 – A sabedoria chinesa nos propõe como virtude essencial o “andar levemente sobre as águas”. Como interpretamos tal simbologia na dinâmica do texto lido? Como tal metáfora pode estar ligada ao nosso cotidiano?

***“Quanto mais alta a árvore,
mais profundas as raízes.”***

Professor Hermógenes:
Mergulho na Paz, p. 100.





Ao fim de prolongada seca, o sertão não passava de um vasto cemitério de gravetos retorcidos e cinzentos a fazer companhia às pedras. Do verde, nem sombra. Nenhuma sombra-o-ásis para interromper a desolação, para proteger retirantes que por ali passavam ou ali morriam. Tudo esturricado. Tudo parecia morto.

Parecia somente.

Debaixo do chão, entretanto, germes dormiam. Na alma-cerne dos troncos e gravetos vibrava ainda a seiva. A vida dormia somente. Não morrera.

Desabaram as primeiras chuvas. Molharam o chão sedento e penetraram fundo para o mundo das raízes. E as águas despertaram a Vida.

Dias depois, a Vida esplendia. O verde explodia, vestindo toda a caatinga.

O pardacento cadáver da seca emigrou.

Ninguém sabe para onde...

Fonte: *HERMÓGENES, Professor. Mergulho na Paz. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011, p. 108.*

QUESTÕES PARA REFLETIR EM GRUPO:

1 – Como podemos trazer a metáfora da seca e das chuvas para o nosso contexto pessoal, político e cultural?

2 – Como podemos interpretar as águas que trazem a Vida em nosso cenário relacional enquanto famílias, equipes base do MFC, sociedade contemporânea?

3 – Que sinais de esperança podemos vislumbrar em nossa travessia pelo sertão da existência?

4 – Como podemos aproximar a mensagem do texto da proposta da boa nova de Jesus de Nazaré?



A vida e o encanto que dão sentido a tudo



A vida tem que encantar para fazer sentido. Mas não é sempre que estamos com os olhos de dentro abertos e a pele sensível a toda poesia que pode nos contornar. Não é todo dia que nossos olhos captam o brilho do sol como ele realmente é. Nem sempre percebemos as flores nos canteiros, os jacarandás timidamente floridos, o amarelo dos ipês exuberantes.

Nem todos nós nascemos com a alma de poeta sintonizada a um corpo sensível ao toque da poesia. Alguns de nós, vez em quando, tem a percepção da vida inspirada. Descobrem cores, cheiros e toques que parecem finalmente mostrar-lhes a existência de uma vida com leveza. Passam a recortar poemas das paisagens por onde

passam. Ficam em um feliz estado de flutuação. O coração aquecido.

Cada um tem o seu motivo para achar, vez por outra, a vida mais bela. E aí entra uma sábia ressalva: a vida nunca deixou de ser inspiradora. Nós é que nem sempre estamos bem o suficiente para percebê-la. E por algum motivo misterioso, isso também confere sentido ao estado de não flutuação.

É que é preciso viver para aprender a se encantar. Fazer disso uma constante é o que nos impulsiona a flutuar em frente. Leve e ao sabor da brisa amiga que sopra a favor de nós, vez em quando.

Mas, e o equilíbrio?

Como uma vez consciente do que é flutuar, continuar a viver na ausência dos olhos

que enxergam a real beleza das coisas? Quem nos rouba a inspiração? Por que não conseguimos ingressar em um estado de plena flutuação?

Talvez o equilíbrio dependa das partes. Dependendo de nós e de partes de nós que andam por aí e ainda não foram unidas ao quebra-cabeças que somos. Talvez o equilíbrio só

exista quando houver amparo. Talvez equilíbrio seja encontrar quem nos ampare os tropeços e a quem possamos amparar também. Afinal, o tropeço é constante. Nossa capacidade de flutuação não.

*Fonte: GUIMARÃES, Talita.
Recorte! 1ª. ed. Rio de Janeiro:
PoD editora, 2015, p. 31 – 32.*



ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovar sua assinatura, basta efetuar um depósito ou transferência para nossa conta 33617-3, agência 2372-8 do Banco do Brasil no valor de R\$ 40,00

2. ATENÇÃO: É indispensável que nos comunique a data do depósito ou da transferência através do e-mail: livraria.mfc@gmail.com ou Whatsapp: (31) 9778-7488

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago.



**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**

Maria das mulheres divinas...



Quando o anjo do Senhor fez repousar sobre ti o bálsamo da graça, o útero virgem das mulheres de todo o mundo encheu-se de luz, ao abrigar dentro de si a semente da eternidade. Abençoado seja o teu ventre, Maria das mulheres em habitação do infinito cordeiro, a apagar as chagas inflamadas de nossas feridas e proselitismos pascais...

Mulher do povo, Maria do rosto queimado no sol intenso da Palestina, nas lutas diárias pelo pão cotidiano, sustento justo de tua família. Mulher Maria, mãe de todas as mulheres sem dia, ao velar no silêncio da noite a presença do sagrado, em plena e inefável alegria. Teu útero santo agora é a morada carnal de Deus. Resplandecentes no calor que

castiga a pele ao fim do dia, os teus segredos carregastes tu, no silêncio de tua devoção, feita resposta em prontidão ao chamado atendido por livre serventia...

Mulher Maria, das Marias no morro e na periferia, esquecida no louvor frio das autoridades escondidas nos domingos "abençoados" pelo conluio da covardia. Maria dos santos e santas, humana Maria, dos filhos e filhas que morrem na seca da terra, por falta de água, sujos de lama, em mais um amanhecer sob constante agonia...

Maria mulher, das massas expulsas do lugar de origem, escravas dos patrões que fabricam a casa e chamam de "lar", para, sob a forma absurda da submissão, chamar facilmente assim a Deus de

“pai”, e esquecer que ele também é “mãe”, em teu jeito simples de ser santa, no teu jeito santo de ser simples.

Mulher Maria, concebida no chão duro e seco dos tormentos e pecados do povo sofrido, nas campinas da Palestina de outrora e no agora...

Maria, mulher peregrina de todos os viventes... Mulher nascida na terra, com suas mãos calejadas pelo plantio da dor, ao ver seus filhos entregues à morte, padecendo no esquecimento do abandono, sob o delírio consciente dos ouvintes tementes a Deus...

Maria, mulher das mulheres santas e pecadoras das vitórias e perdas, que um dia entregou-se sem medidas ao

pedido alvissareiro de Deus: acolhe, filha minha, em teu útero a sublime canção feita carne, na alma serena de uma criança divina...

Quem diria, por ti Maria, por nós rogai, mãe de todas as santas e pecadoras mulheres, filhas da mulher escolhida que um dia foi também filha...

Mulher Maria, sua bênção, mãe das mães de todos os filhos e filhas...

Oh! Santa alegria!...

Jorge Leão

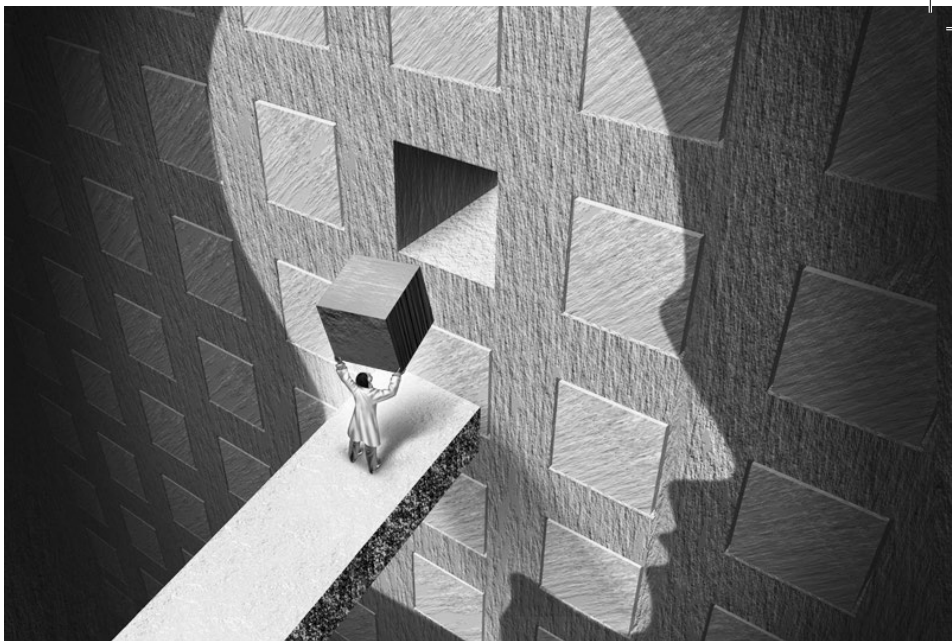
Professor de Filosofia do IFMA, membro participante do Movimento Familiar Cristão, em São Luís, Maranhão.

“Humildade...



***Coragem para agradecer.
Coragem para reconhecer
seus próprios equívocos.
Coragem para reconhecer
que precisamos de ajuda.
Coragem para reconhecer
seu espaço no universo.
Coragem que nos permite
reconhecer que, apesar
de sermos pequenos, somos
parte integrante de
toda esta grandeza.”***

Oráculo do Pão



Da gente que tem memória para lembranças sutis

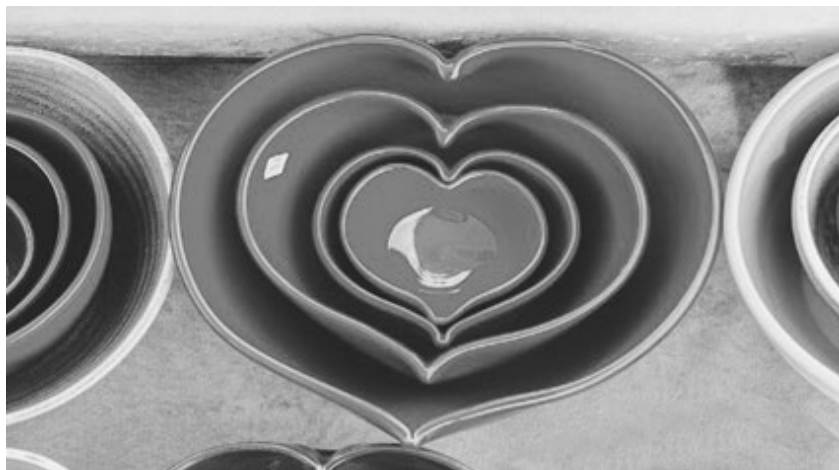
Acho bonita a gente que tem boa memória para lembranças sutis. Gente que lembra da primeira vez em que viu ou falou com alguém. Gente que sabe sentir cores, cheiros e sabores e atribuí-los a momentos da vida. Que fecham os olhos para descrever em detalhes cenas que já viveram e consideram importantes.

Paro comigo para refletir sobre lembranças e exercito minha memória. Posso não lembrar datas ou horários com precisão, mas consigo aos poucos recuperar mentalmente circunstâncias que deram início a coisas que somente depois de passado algum tempo foram concluídas como importantes em minha vida.

E que bom ter esse tipo de pensamento guardado na cabeça. Faz pensar que somos seres dotados de poderes quase mágicos, que quando acionados, nos salvam da realidade que passa por nós feito um borrão e nos levam para dentro de nós mesmos.

Fonte: GUIMARÃES, Talita. Recorte! 1ª. ed. Rio de Janeiro: PoD editora, 2015, p. 34.

A SABEDORIA DO CORAÇÃO



Solange Castellano Fernandes Monteiro e
José Airtton Monteiro MFC/RJ

Na Bíblia podemos ter um grande número de livros, mas também de diversos gêneros literários. Um desses livros – no conjunto do Antigo Testamento – é o livro dos salmos. Na realidade são cantos espirituais e poéticos, compostos e cantados principalmente nas festas e procissões, por exemplo aquela anual para a cidade santa de Jerusalém.

Desde os primeiros cristãos até os dias de hoje, os salmos são considerados oração genuína daqueles que creem em Deus. Por isso são rezados e até cantados nas celebrações, na liturgia da palavra entre a primeira leitura e do Evangelho e em muitas outras oca-

siões, como por exemplo no “ofício divino” que é a oração oficial da Igreja.

No entanto temos que ter sempre claro que os salmos são compostos e rezados num tempo em que o povo eleito de Israel se fixa na “Terra Prometida” por Deus, sofrendo por vezes dominação de outros povos e até exílio. O livro dos salmos contém exatamente 150 deles.

Aqui vamos refletir sobre o salmo 89. A escolha não é por acaso. Isso porque ao nos prepararmos para o XXI ENA, que acontecerá no Rio Grande, estamos refletindo sobre imaginar um planeta que seja um rincão onde todos se encontrem para falar de paz.

Unindo as diferentes gerações, exaltando o "Christis Vivit", não podemos esquecer da "brevidade da vida" que nesse salmo 89 o salmista insistentemente nos lembra. Portanto, essa união entre as gerações para falar de paz torna-se urgente.

Com este salmo começa o quarto livro do saltério e termina com o salmo 105. Como já foi dito, a reflexão do salmista gira em torno ao fato da "brevidade da vida". Por isso dirige este pedido insistente ao Senhor:

"Ensina-nos a contar os nossos dias para poder-mos chegar à sabedoria do coração."

A sabedoria do coração é a própria paz. É a necessidade de darmos importância a essência do Reino de Deus: sermos felizes e buscar a felicidade para todos.

O salmista apresenta a sua vida em uma profunda convicção de que quem dá estabilidade à vida é Deus, e o expressa com imagens eloquentes:

"Antes de surgirem as montanhas, antes de nascerem a terra e o mundo, desde sempre e para sempre Tu és Deus."

Para ele se dirigir a Deus é como se fosse uma rocha que garante a estabilidade do

mundo e da história da humanidade. De outro lado está também consciente da fragilidade do ser humano. Do pó veio e ao pó tornará, como ouvimos nas celebrações na quarta-feira das cinzas.

Ou seja, parece apresentar que os dias dos viventes são: **"como o dia de ontem que passou, ou como uma vigília da noite, ou como a erva que de manhã brota vicejante, mas à tarde está murcha e seca."**

Essa nossa fragilidade humana nos apresenta nossa finitude e nos lembra que nossos anos passam como "trem bala". Portanto, só o tempo de Deus é estável como uma rocha. O tempo dos seres criados é "fluido" – como diríamos hoje – porque é brinquedo da nossa fragilidade. O salmista nos quer lembrar que os nossos anos passam e nós passamos com eles.

O SALMO 89 DIZ:

1 Senhor, fostes nosso refúgio de geração a geração.

2 Antes que se formassem as montanhas, a terra e o universo, desde toda a eternidade vós sois Deus.

3 Reduzis o homem à poeira, e dizeis: "Filhos dos homens, retornai ao pó"

4 porque mil anos, diante de vós, são como o dia de on-

tem que já passou, como uma só vigília da noite.

5 Vós os arrebatais: eles são como um sonho da manhã, como a erva vivente,

6 que viceja e floresce de manhã, mas que à tarde é cortada e seca.

7 Sim, somos consumidos pela vossa severidade, e acabrunhado pela vossa cólera.

8 Colocastes diante de vós as nossas culpas, e nossos pecados ocultos à vista de vossos olhos.

9 Ante a vossa ira, passaram todos os nossos dias. Nossos anos se dissiparam como um sopro.

10 Setenta anos é o total de nossa vida, os mais fortes chegam aos oitenta. A maior parte deles, sofrimento e vaidade, porque o tempo passa depressa e desaparecemos.

11 Quem avalia a força de vossa cólera, e mede a vossa ira com o temor que vos é devido?

12 Ensinai-nos a bem contar os nossos dias, para alcançarmos o saber do coração.

13 Voltai-vos, Senhor – quanto tempo tardareis? E sede propício a vossos servos.

14 Cumulai-nos desde a manhã com a vossa misericórdia, para exultarmos alegres em toda a nossa vida.

15 Consolai-nos tantos dias quantos nos afligistes, tantos anos quantos nós sofremos.

16 Manifestai vossa obra aos vossos servidores, e a vossa glória aos seus filhos.

17 Que o beneplácito do Senhor nosso Deus, repouse sobre nós.

Favorecei as obras de nossas mãos. Sim, fazei prosperar o trabalho de nossas mãos.

Segundo Frei Estêvão Ottenbreit “parece que o salmista se inspira nas palavras do servo sofredor Jó quando diz:

“Os meus dias passaram mais rápidos que um corcel, fugiram sem terem visto a felicidade. Passaram velozes como barcas de junco, como a águia que se precipita sobre a presa.” (Jó 9, 25-26)”

Acrescente-se a isso que o salmista também parece afirmar que os “poucos dias” que nos é concedido de vida, muitas vezes, são cheios de infelicidade.:

“A duração de nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho e miséria, passam depressa e nós desaparecemos.”

Aqui lembramos de uma história chamada O Turista e o Sábio de um autor desconhe-

cido, a qual não circula pelas diferentes mídias sociais:

“Conta-se que no século passado um turista americano foi à cidade do Cairo no Egito, com o objetivo de visitar um famoso sábio.

O turista ficou surpreso ao ver que o sábio morava num quartinho muito simples e cheio de livros. As únicas peças de mobília eram uma cama, uma mesa e um banco.

- Onde estão seus móveis?
Perguntou o turista.

E o sábio, bem depressa olhou ao seu redor e perguntou também:

- E onde estão os seus?

- Os meus?! Surpreendeu-se o turista.

- Mas estou aqui só de passagem!

- Eu também... “A vida na Terra é somente uma passagem...”

No entanto, alguns vivem como se fossem ficar aqui eternamente, e esquecem-se de ser felizes.” Concluiu o sábio.”

Somos todos viajantes ou como dizia São Francisco: Somos peregrinos e estrangeiros nesta terra.

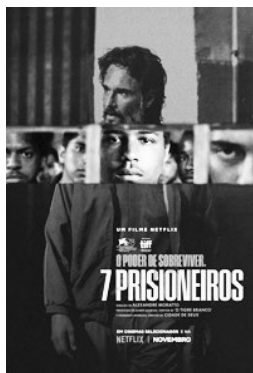
Pode parecer uma visão pessimista, assim como também pareceu o salmista.

Porém, pode nos ajudar a refletir sobre os nossos dias, sobre o objetivo de nossos encontros e nossas ações cotidianas. Se os confiarmos a Deus, seremos salvos. Ou seja, o ser humano é como um suspiro, mas Deus se lembra dele e estará sempre no meio de nós.

Quando confiamos os nossos dias a Deus, eles se tornam frutuosos. O segredo para isso é saber acolher o “tempo de Deus” (a construção de seu Reino de justiça e paz) no nosso dia a dia. E parece que o XXI ENA traz essa questão de juntarmos todas as gerações para mostrar que Cristo Vive em nós através de nossas ações e sabedorias do coração. Afinal, como nos diz São Paulo que o “sonho” de Deus é confiado às nossas mãos. Para isso é importante acolhemos a proposta de Deus em nossa vida. E mais que tudo, rezar pedindo, como no salmo 89:

“Ensina-nos a contar nossos dias para poder-mos chegar à sabedoria do coração.”

E esse pedido é para as diferentes juventudes presentes no MFC e no mundo; é um apelo para que o rincão seja, de fato uma grande oportunidade de se falar e viver a PAZ.



1 – 7 Prisioneiros – Brasil, Netflix, 2021.
Roteiro e Direção de Alexandre Moratto.

Para dar uma vida melhor à família no interior, o jovem Mateus aceita trabalhar em um ferro-velho em São Paulo com o novo chefe Luca. No entanto, ele acaba ficando preso no perigoso mundo da escravidão contemporânea com outros garotos e é forçado a decidir entre continuar nessa situação ou arriscar o futuro da família.



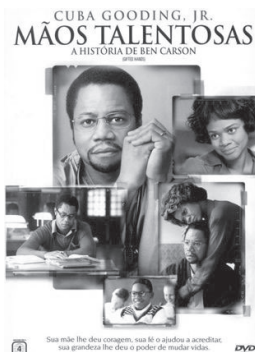
2 – A última floresta – Brasil, Netflix, 2021.
Direção: Luiz Bolognesi.

Em uma tribo Yanomani isolada na Amazônia, o xamã Davi Kopenawa Yanomani tenta manter vivos os espíritos da floresta e as tradições, enquanto a chegada de garimpeiros traz morte e doenças para a comunidade. Os jovens ficam encantados com os bens trazidos pelos brancos; e Ehuana, que vê seu marido desaparecer, tenta entender o que aconteceu em seus sonhos.



4 – A ausência que seremos. Colômbia, 2020. Um filme de Fernando Trueba.

A vida do Dr. Héctor Abad Gómez, líder social carismático, que foi assassinado em Medellín em 1987. O filme é impactante, um roteiro fidedigno à biografia do Dr. Héctor, repleto de sensibilidade e afetos, diante de uma história tão marcante.



3 – Mãos Talentosas: A História de Bem Carson. EUA, 2009. Direção: Thomas Carter.

Ben Carson era um menino pobre de Detroit, desmotivado, que tirava más notas na escola. Entretanto aos 33 anos, ele se tornou o diretor do Centro de Neurologia Pediátrica do Hospital Universitário Johns Hopkins, em Baltimore, EUA. Em 1987, o Dr. Carson alcançou renome mundial por seu desempenho na bem-sucedida separação de dois gêmeos siameses, unidos pela parte posterior da cabeça uma operação complexa e delicada que exigiu cinco meses de preparativos e vinte e duas horas de cirurgia. Sua história, profundamente humana, descreve o papel vital que a mãe, uma senhora de pouca cultura, mas muito inteligente, desempenhou na metamorfose do filho, de menino de rua a um dos mais respeitados neurocirurgiões do mundo.



5 – Quatro Minutos. Alemanha, 2006. Direção: Chris Kraus.

Jenny é uma mulher jovem cuja vida acabou. Presa por assassinato em uma penitenciária feminina, ela não demonstra qualquer remorso. Mas por trás de sua fachada impenetrável, esconde-se um surpreendente talento musical. Quando uma professora de piano de oitenta anos descobre os segredos da garota - sua brutalidade e seus sonhos - ela decide transformar Jenny no prodígio musical que ela já foi no passado.



6 – Ex-Pajé. Brasil - Netflix, 2018. Direção e roteiro: Luiz Bolognesi.

Até o contato do povo Paiter Suruí com os brancos, em 1969, Perpera era um pajé poderoso. Após chegada dos brancos, um pastor evangélico afirma que pajelança é coisa do diabo e Perpera perde seu papel na tribo, passando a viver com medo dos espíritos da floresta. Mas quando a morte ronda a aldeia, o poder de falar com os espíritos pode novamente ser necessário.



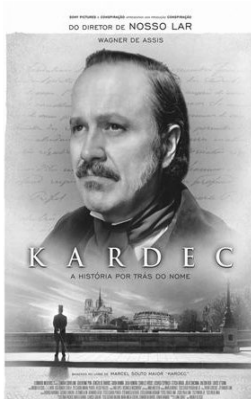
7 – Estou me guardando para quando o carnaval chegar. Brasil, 2019. Um filme de Marcelo Gomes.

A cidade de Toritama, no estado de Pernambuco, é um microcosmo do capitalismo implacável: a cada ano, mais de vinte milhões de jeans são produzidos em fábricas de fundo de quintal. Os moradores trabalham sem parar, orgulhosos de serem os donos do seu próprio tempo. Durante o Carnaval – o único momento de lazer do ano –, eles transgridem a lógica da acumulação de bens, vendem seus pertences sem arrependimentos e fogem para as praias em busca de uma felicidade efêmera. Quando chega a Quarta-feira de Cinzas, um novo ciclo de trabalho começa.



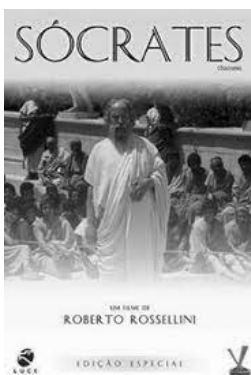
8 – Uma história de amor e fúria. Brasil, 2013. Direção e roteiro de Luiz Bolognesi.

Vencedor do prêmio máximo do Festival de Animação de Annecy - o mais importante do gênero no mundo, o filme retrata o amor entre um herói imortal e Janaína, a mulher por quem é apaixonado há seiscentos anos. Como pano de fundo do romance, o longa-metragem ressalta quatro fases da história do Brasil: a colonização, a escravidão, o Regime Militar e o futuro, em 2096, quando haverá guerra pela água. O filme traz Selton Mello e Camila Pitanga dublando os protagonistas. Uma História de Amor e Fúria conta ainda com a participação de Rodrigo Santoro, na pele do chefe indígena e de um guerrilheiro.



9 – Kardec. Brasil, 2019. Direção: Wagner de Assis.

Leonardo Medeiros é o protagonista Hippolyte Léon Denizard Rivail - reconhecido depois como Allan Kardec -, o educador francês nascido em 1804 que codificou o espiritismo a partir de 1857. A produção tem ainda no elenco nomes como Sandra Corveloni (Amélie-Gabrielle Boudet), Guilherme Piva (Didier), Genézio de Barros (Padre Boutin), Guida Vianna (Madame De Plainemaison), Julia Konrad (Ruth-Celine), Charles Fricks (Charles Baudin), Licurgo Espinola (Sr. Babinet), Letícia Braga (Julie), Júlia Svacinna (Caroline), Dalton Vigh (Sr. Dufaux) e Louise D'Tuani (Ermance Dufaux). O roteiro de Wagner de Assis e L.G. Bayão ("Irmã Dulce", "Heleno" e "Minha Fama de Mau") e Wagner de Assis acompanha a trajetória de Kardec desde o período em que atuava como educador, passando pela investigação dos fenômenos, pelo processo de codificação da doutrina espírita, até a publicação e repercussão de "O Livro dos Espíritos".



10 – Sócrates. Itália, 1971. Direção: Roberto Rossellini.

Com direção do mestre italiano Roberto Rossellini (diretor de filmes como "Roma", "Cidade Aberta"), esta superprodução europeia é a cinebiografia de Sócrates (470 - 399 a.C.), um dos maiores filósofos da Humanidade. Rossellini mostra o final da vida de Sócrates, em especial seu julgamento e sua condenação à morte, com destaque para os célebres diálogos escritos por seu discípulos mais famoso, Platão: "Apologia", discurso de defesa do filósofo; "Crítion", em que um dos seus discípulos tenta convencê-lo a fugir da prisão; e "Fédon", com seus últimos ensinamentos antes de tomar a cicuta, o veneno mortal ao qual foi submetido depois de sua condenação pelo tribunal ateniense.



11 – Não olhe para cima. EUA, 2021. Direção: Adam McKay.

Dois astrônomos descobrem um cometa mortal vindo em direção à Terra e partem em um tour midiático para alertar a humanidade. A maior parte das pessoas, porém, parece não se dar conta do que está prestes a acontecer.



12 – A Sabedoria do tempo, com Papa Francisco. Itália, Netflix, 2021. Direção: Elias e Simona Ercolani.

Homens e mulheres com mais de setenta anos narram histórias emocionantes e compartilham lições importantes de vida. As falas são iniciadas com as reflexões do Papa Francisco, sobre temas norteadores (Sonhos, Amor, Trabalho e Luta), ilustrando um riquíssimo conteúdo biográfico e reflexivo.

ATENÇÃO: DADOS DE ASSINATURA ATUALIZADOS

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato & razão



Assinatura anual: R\$ 40,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 33617-3 agência 2372-8 Banco do Brasil;

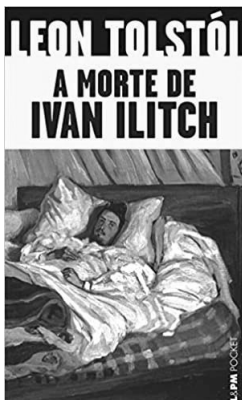


Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo Whatsapp (31) 9778-7488



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

**Rua Terezinha Reis Ferreira, 280 - Bairro Rochedo
Conselheiro Lafaiete - MG - CEP 36404-169**



1 – TOLSTOI, Leon. A morte de Ivan Ilitch. Tradução Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1997.

É esta novela de Leon Tolstói uma das maiores e mais importantes revelações e reflexões sobre a morte que jamais foram imaginadas ou escritas exatamente porque tudo acontece a partir da vida de Ivan Ilitch. É através do processo de viver do seu personagem que o admirável autor entra decidida e decisivamente no mistério da morte do ser humano. Aí aparece tudo o que há de cruel e difícil neste mundo, a saúde, a doença, o sucesso, o fracasso, e, principalmente, a impotência diante do desconhecido inexorável. Tudo isto escrito e descrito com a arte e a genialidade do escritor russo. (Os Editores).



2 – FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. 27ª.ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Pedagogia da Esperança não é continuação da Pedagogia do Oprimido; é, de fato, um reencontro. Um reencontro sincero e crítico, sem ser saudosista e melancólico. E que fica ainda mais substancial porque nele estão as notas explicativas de Ana Maria Araújo Freire, elaboradas ao lado do autor enquanto construíram, juntos, um sustentáculo para a nossa esperança. (Mário Sérgio Cortella, filósofo).

EDUCAÇÃO POPULAR E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Se na minha compreensão do ato de conhecer há uma exigência de postura crítica dos que conhecem, então o ato de ensinar não é mais apenas para mim. O ato de ensinar continua sendo absolutamente necessário. O ato de ensinar é um ato específico do professor. Mas o ato de ensinar, quando ele se prende ao ato de aprender, que é o ato específico do estudante, a gente descobre que ensinar e aprender fazem parte do mesmo processo de conhecer.

Ensinar já não é, na perspectiva democrática, a transferência bem-feita, não é a descrição bem-feita do perfil dos objetos. Ensinar é, sobretudo, desafiar o estudante para que ele saiba o que o professor sabe. Que é exatamente ter a compreensão do conteúdo ou do objeto. Todo ato de ensinar implica no ato de aprender e os dois se juntam, na compreensão mais ampla do ato de conhecer. O ato de aprender casado com o ato

de ensinar se prolonga no ato de conhecer.

Todo ato de aprender é precedido pelo ato de apreender. Não é possível apreender o objeto, conteúdo que se ensina, se não se apreende a compreensão profunda do conteúdo. A apreensão me possibilita a aprendizagem do apreendido. Por isso é que conhecer implica apreender. Isto é, implica apoderar; o sujeito que aprende se apodera da compreensão do objeto que está sendo aprendido.

Um dos equívocos de muitos educadores que insistem em demasiado numa coisa importante, e que a escola tradicional usou muito, é a repetição. A repetição da definição, a repetição do conceito, da descrição do conceito. É como se repetindo o educando aprendesse. A repetição

se dando como meio de se possibilitar a memorização.

Obviamente que não há aprendizagem sem memorização, não há conhecimento sem memo-



rização. O equívoco está em que não se memoriza para aprender, aprende e por isso memoriza. Só é possível memorizar na medida em que eu aprendo o objeto. É porque eu sei o objeto que eu memorizo o objeto, não o contrário.

Por exemplo: em véspera de prova, um bando de estudantes faz de conta que sabe. Eles decoram simplesmente a periferia dos conceitos e dois dias depois já não sabem mais coisa nenhuma. Se, pelo contrário, em lugar de memorizar mecanicamente a descrição do conceito, a gente aprendesse o objeto, se a gente entendesse a coisa assim, ensinar seria uma coisa mais séria, mais complexa do que a gente pensa que é.

Numa perspectiva democrática, a preocupação do educador não é só com relação a como enfrenta o objeto. A metodologia do ensino é importante. Mas a questão que ele coloca também é de como ele se relaciona com os educandos ensinando o que ensina. Como é que ele situa o objeto que ele ensina dentro do contexto geral em que os estudantes estão e ele também. A exigência não se põe apenas com relação ao método de abordagem do objeto, mas também em torno de qual é o papel do estudante. Este papel do estudante varia em função da

minha compreensão de ensinar, da minha compreensão de aprender, da minha compreensão de conhecer.

Conhecer é um verbo ativo, que exige de mim a busca, a curiosidade em torno do objeto que eu devo conhecer. E essa curiosidade é de quem se porta como sujeito e não apenas de quem se porta como incidência da descrição feita por outro. O papel do professor democrático não pode ser apenas um papel de quem transmite muito bem. Às vezes ele é um excelente transmissor, mas ele não cria as condições intelectuais que são fundamentais para o processo de apreensão do objeto, que leva ao processo de assunção. É preciso que o educando assuma o objeto como uma coisa com que ele passa a conviver. Fora disso ele pode até acumular informações.

Nesse sentido, então, ensinar é a forma de como o ato de conhecer do professor se dá ao educando. Provocando no educando a curiosidade necessária para que o educando assuma também a postura de quem quer conhecer com relação ao objeto que está sendo ensinado pelo educador. O professor parte ensinando, mas, ao partir ensinando, o processo de ensinar aparece como sendo anterior ao de conhecimento que o professor teve de fazer, provocador,

então, de um mesmo ato de conhecimento que o educando deve assumir ao apoderar-se do objeto.

A questão que se coloca é de saber quem determina os conteúdos e como é que se ensinam os conteúdos. Conteúdos a favor de quem? A favor de quê? Para quê? Essa é uma questão da pedagogia que é política. Mas não saber se tem pedagogia sem conteúdo ou não. Porque é um ato que não existe. É coisa inviável.

Se tem conteúdo, porque não é possível ensinar a não ser alguma coisa, é preciso que o educador se capacite. Isto é um ponto central na formação do educador, que tem de ser uma formação permanente. Como se porta o educador no trato do conteúdo, no trato dos objetos? Como ultrapassa o conteúdo? Como se serve da rigorosidade com que se deve ultrapassar o conteúdo? Precisamente por causa desta rigorosidade insere compreensão crítica desse conteúdo na compreensão histórica da sociedade em que se vive. Há toda uma implicação que não é só in-

dividual. Há uma dimensão pessoal no ato de aprender, ensinar e conhecer, mas essa dimensão individual não basta para explicar o processo em que o ato se dá.

Fonte: FREIRE, Paulo. Texto apresentado no Seminário de Educação Popular realizado no Instituto Cajamar (SP), no ano de 1987. Citado na Parte II do livro "Pedagogia do Compromisso – América Latina e Educação Popular", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 70 – 74.

Questões para debater em nossas equipes base...

1 – Quais aspectos do processo de ensino de um educador democrático podem nos ampliar horizontes em nossa prática de encontros em nossas equipes base?

2 – Segundo Paulo Freire, o processo de ensinar e de aprender estão ligados ao ato de conhecer. Como o nosso conhecimento histórico está sendo vivenciado como seres políticos, afetivos, culturais, religiosos, laborais? Estamos dispostos a aprender uns com os outros?

“Desfrutar a felicidade de proteger a vida e afastar dela o sofrimento e a destruição.”

Albert Schweitzer - (1875 – 1965)



UMA CRENÇA OU UM MÉTODO?

O individualismo deixou as pessoas abandonadas a si mesmas. O ser humano necessita encontrar sua própria totalidade, a sua própria harmonia integrada na totalidade da sociedade. O método holístico pode ser um caminho.

Holística é uma expressão que se tornou corrente no vocabulário de nossos dias. A palavra vem do grego "holos", que significa o todo, o completo, o inteiro. A holística é uma visão de totalidade, do todo da realidade. É a realidade vista no seu todo ou nas suas totalidades. No início do século XX o holismo foi desenvolvido na filosofia como um método de explicação da realidade. A compreensão de cada parte da realidade só é possível na visão do todo. Mais recentemente o holismo penetrou a esfera mística. A energia cósmica é o seu princípio de totalidade.

A física quântica abriu as portas para uma aproximação entre ciência e mística. A física de Galileu e Newton dá origem à ciência moderna. Esta tem na demonstração o essencial de seu método. A demonstração científica é apoiada no solo firme da matéria. Uma hipótese é verdadeira quando demonstrada por experiência. A física contemporânea coloca em questão este chão firme. O que é a matéria? É espaço ocupado? No átomo existem muitíssimo mais espaços vazios que ocupados. Se numa bola de futebol fossem tirados todos os espaços entre o núcleo e os elétrons de seus átomos, seria absolutamente invisível. O que mantém os elétrons a uma distância tão grande do núcleo? A resposta é: energia. O que chamamos matéria seriam manifestações de energia. As diferentes manifestações de energia explicam os diferentes tipos e estados da matéria. Mas que

energia é esta? O que é energia? Aí entra o espaço místico. O cosmos é energia, tudo é energia. A energia cósmica é o princípio holístico. Esta energia não é demonstrável empiricamente, é um princípio metafísico. A holística energética proporcionou diversas práticas de cunho religioso que ligam o indivíduo à fonte energética do cosmos.

A filosofia tem na totalidade uma de suas características na reflexão. Enquanto a ciência prima pela especialização, a filosofia considera seus objetos na sua totalidade. Os especialistas hodiernos conhecem quase tudo de quase nada.

No século XX os sistemas filosóficos entraram em crise. Há um processo de fragmentação, de desintegração da razão. Não há mais uma centralidade na filosofia, nas ciências, na política, nas religiões. Na Idade Média a grande centralidade era Deus. Tudo girava em torno da religião. Na Idade Moderna o homem se torna a nova centralidade, em substituição a Deus. Tudo é explicado pela razão, pela ciência. Hoje vivemos em meio a um grande pluralismo. As centralidades são cada vez mais parciais. Encontramos facilmente desde o mais cético racionalista até o mais fanático religioso.

O holismo, em meio às visões fragmentárias, aparece como possibilidade de novamente apresentar uma visão total da realidade. Aí o real aparece como um todo ou todas as realidades. As realidades são estruturas que estão relacionadas entre si. As partes são relações funcionais, ou uma disposição de uma ordem. Os organismos individuais são entidades holísticas, pois têm uma relação harmônica de comportamento, são sistemas que funcionam como um todo.

O holismo na filosofia é um modo de explicar a realidade. Não afirma uma entidade especial (como a energia cósmica), mas é a compreensão das coisas na sua própria totalidade e na totalidade das coisas. O holismo se contrapõe fundamentalmente ao individualismo.

Fonte: BIRCK, Bruno Odélio, professor de filosofia na PUCRS, texto extraído da revista "Mundo Jovem", em novembro de 1995.

Questões para debate:

1 – O que é holismo? Como ele nos promove uma visão de conjunto diante dos problemas sociais, éticos e políticos vividos na atualidade?

2 – Como essa concepção filosófica pode se contrapor ao individualismo?



PENSAR É TRANSGREDIR

Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos – para não morrermos soterrados na poeira da banalidade embora pareça que ainda estamos vivos.

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Para reinventar-se é preciso pensar: isso aprendi muito cedo.

Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui. Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: “Parar pra pensar, nem pensar!”

O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. Pode ser no meio do shopping, no trânsito, na frente da tevê ou do computador. Simplesmente escovando os dentes. Ou na hora da droga, do sexo sem afeto, do desafeto, do rancor, da lamúria, da hesitação e da resignação.

SEM TER PROGRAMADO, A GENTE PARA PRA PENSAR.

Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, para um jardim de promessas. Alguma, para a noite além da cerca. Hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar: reavaliar-se.

Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.

Somos demasiado frívolos: buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.

Compreender: somos inquietos de algo bem maior do que o nosso pequeno segredo individual. É o poderoso ciclo da existência. Nele todos os desastres e toda a beleza têm significado como fases de um processo.

Se nos escondermos num canto escuro abafando nossos questionamentos, não escutaremos o rumor do vento nas árvores do mundo. Nem compreenderemos que o prato das inevitáveis perdas pode pesar menos do que o dos possíveis ganhos.

Os ganhos ou os danos dependem das perspectivas e possibilidades de quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.

Parece fácil: "escrever a respeito das coisas é fácil", já me disseram. Eu sei. Mas não é preciso realizar nada de espetacular, nem desejar nada excepcional. Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.

Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.

Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.

E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.

Fonte: LUFT, Lya. Pensar é transgredir. 6ª. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004, p. 21 – 23.

VOCABULÁRIO:

Sorvido: deriva do verbo sorver, que significa haurir ou beber, aspirando; embeber-se ou impregnar-se de; chupar, sugar; absorver.

Frívolo: sem importância; sem valor; vão. Fútil; leviano; volúvel.

Inquilino: indivíduo residente em casa que tomou de aluguel. Na Biologia, aquele que vive em outro organismo, ou no domicílio deste, mas não o prejudica.



“Crescerás; horizontalmente, conquistarás; o poder e a fama, reverenciar-te-ão a presença física na Terra, mas, se não trouxeres contigo os valores do bem, ombrearás com os infelizes, em marcha imprevidente para a ruína; do desencanto.”

Francisco Cândido Xavier /
Emmanuel: “Fonte Viva”,
p. 258.

REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE...

Suponhamos excursionistas que partiram para a escalada de um pico assaz difícil, e consideremos o seu grupo algumas horas antes de começar a subida. Nesse momento pode-se imaginar que a equipe esteja dividida em três tipos de elementos.

Uns lamentam haver deixado o albergue. A fadiga e os perigos lhes parecem desproporcionais ao interesse do êxito. Decidem voltar atrás.

Outros não se arrependem de haver partido. O sol brilha, a vista é linda. Mas para que subir mais alto? Não é melhor aproveitar a montanha onde estão, em pleno prado ou em pleno bosque? E eles se estendem na grama ou exploram os arredores, enquanto esperam a hora do piquenique.

Outros enfim, os verdadeiros alpinistas, não tiram os olhos dos cimos que juraram a si mesmos alcançar. E seguem adiante.

Fatigados – boas-vidas – entusiastas.

Três tipos de ser humano que cada um de nós carrega em germe no seu íntimo, - e entre os quais, de fato, divide-se sempre a humanidade à nossa volta.

Extraído do livro: Mundo, homem e Deus, de Teilhard de Chardin. São Paulo: Editora Cultrix, s/d, p. 76.

“Que o sentido da vida seja fazer sentido a outras vidas!”

Sabedoria dos Séculos



O homem-que-podia-tudo

Havia um homem que podia tudo. Não sei se era um homem do tempo em que as mágicas eram verdadeiras ou um homem da era tecnológica que houvesse realizado todos os sonhos do projeto científico-técnico. Em todos os casos, ele se chamava simplesmente o homem-que-podia-tudo.

Certo dia, o homem-que-podia-tudo se aborreceu do tipo de vida que estava levando. Não há poder, por mais absoluto, que nos cure de certo tédio inerente à vida mortal. Não suportava mais o torvelinho de sua cidade, uma metrópole de quinze milhões de habitantes. Demandou lugares ermos, verdadeiros nichos ecológicos, cheios de verde e de água, de montanhas e de vales, de casinhas pitorescas e de pousadas rústicas, para poder ouvir o silêncio e gozar da tranquilidade de estar finalmente parado e sem precisar fazer nada.

Depois de alguns dias começou a refletir e com a reflexão veio a perturbação. Deu-se conta de que não estava parado de forma nenhuma. Como vinha do mundo da ciência, lembrou-se de um dado astronômico. Estava girando a uma velocidade de 1.700 km horários, pois esta é a veloci-



dade da Terra ao redor de seu próprio eixo. Aborreceu-se da Terra que o arrastava irresistivelmente consigo, pouco se importando se soubesse ou não soubesse disso, se estivesse perturbado com o torvelinho das coisas ou tranquilo em sua rústica pousada.

Como era o homem-que-podia-tudo, resolveu abandonar o solo terrestre. Pôs-se lá em cima, muito além da estratosfera, no silêncio tranquilo e na tranquilidade silenciosa de seu satélite. Corria muito, mas pelo menos girava com menor velocidade sobre o seu próprio eixo do que a Terra sobre o seu.

Certo dia, porém, convulsionou-lhe o coração. Deu-se conta de que nada adiantavam sua fuga e sua estada lá na estratosfera. Na verdade, estava girando conjuntamente com a

Terra e com todos os seres que estão nela e que se encontram sob sua atração, como a Lua, a uma velocidade de 107.000 km horários ao redor do Sol.

Excogitou uma saída que lhe iria garantir tranquilidade. Decidiu deslocar-se totalmente para fora da órbita terrestre. Fincou-se para além da órbita de Plutão, no limite do sistema solar. Seguramente, aqui estaria em paz, longe da esfuziante velocidade da Terra.

Não demorou muito e eis que se perturbou sobremaneira. Por mais que fugira da Terra, não fugira todavia do Sol. Juntamente com o Sol e todos os planetas do sistema solar, encontrava-se girando a 774.000km horários em torno do centro de nossa galáxia, a Via-Láctea.

Como era o homem-que-podia-tudo, decidiu transferir-se para fora do nosso sistema solar. Demandou outras paragens cósmicas. Pôs-se aí tão longe e tão tranquilo que pouco lhe importava saber em que sistema celeste se encontrava. Pelo menos estava fora do alcance das frenéticas velocidades do sistema solar.

Certo dia, porém, veio-lhe à mente um dado que lhe roubou totalmente a tranquilidade encontrada. Estava, efetivamente, girando a uma velocidade louca de 2.172.000 km horá-

rios, acompanhando a nossa galáxia numa viagem em torno do centro de uma aglomerado de 2.500 outras galáxias vizinhas, rumo a um buraco negro que nos engolirá ou transfigurar. Quem o sabe?

Pôs-se furibundo. Tentou tudo o que podia – não se esqueçam que ele se chamava o homem-que-podia-tudo. Começou a locomover-se num sentido inverso ao movimento das galáxias, o mais depressa que pudesse. Em comparação com a velocidade das galáxias, sua velocidade contrária o fazia estar praticamente parado. E ficou assim tranquilo.

Certo dia, porém, emudeceu de estarecimento e de impotência. Deu-se conta de algo aterrador. Integrado no conjunto de todos os corpos celestes – Terra, Sol, estrelas, galáxias, conglomerados de galáxias – , estava correndo, não, estava fugindo, a uma velocidade de 579.000 km horários, de um ponto donde, presumivelmente, tiveram origem todos os seres existentes, cerca de quinze bilhões de anos atrás, quando irrompeu a primeira singularidade, o grande pum – Big Bang – que pôs em movimento todo o processo do universo. E estamos viajando para um onde que ninguém sabe ou consegue desenhar. Um buraco negro? O coração de Deus?

O homem-que-podia-tudo, de repente, intuiu que não podia nada. Por mais que fugisse, não fugia suficientemente. Era sempre levado por algo maior e mais potente que o envolvia. Buscar a tranquilidade desta forma significava perdê-la ou nunca encontrá-la.

O homem-que-podia-tudo renunciou ao seu nome e a suas pretensões. Regressou humildemente ao seu planeta Terra e, uma vez na Terra, à sua cidade e à sua casa. Sentou-se tranquilamente à sua varanda e aprendeu a contemplar a tranquilidade de todas as coisas. Apesar de todas as velocidades a que estavam submetidas, as coisas não se alvoroçavam nem se enfureciam. Estavam como que paradas na serena tranquilidade e na tranquila serenidade de uma natureza-morta. Acolher a fuga era encontrar a bondade de estar em casa. Era encontrar a graça e a gratuidade de todas as coisas.

E, como não era nem se considerava mais o homem-

que-podia-tudo, acolhendo sua finitude e impotência, sem dificuldade deixou aflorar em si a dimensão contemplativa e o espirito de finesses antes adormecido dentro de si por excesso do espirito de geometria, de ciências e de cálculos.

VOCABULÁRIO:

- **torvelinho:** redemoinho, remoinho; torvelino, torvelim.

- **excogitar:** inventar, idear, imaginar, cogitar; esquadrinhar, pesquisar, perscrutar; refletir, meditar, imaginar.

- **esfuziante:** muito vivaz; radiante, irradiante.

- **furibundo:** furioso, enfurecido, colérico.

- **emudeceu:** emudecer, fazer calar, tornar silencioso.

- **estarecimento:** susto, pavor, terror.

- **estarecer:** assustar, apavorar, aterrorizar, ficar desfalecido.

Fonte: BOFF, Leonardo. Brasa sob Cinzas., p. 68 – 71.



"A partilha dos dons eleva a condução da vida. Partilha o que és e verás o céu se abrir como centelha de amor infatigável em tua jornada."

Anne Alley Peterson

FLOR NA FENDA DA ROCHA



A coisa não fazia sentido. Não chegava a ser carta. Um bilhete, escrito numa folha de bloco amarelo, rasgada pelo meio. O nome que a assinava não me fazia lembrar ninguém. Pensei que se tratava de mais uma dessas pessoas estranhas que escrevem coisas sem nexos para desconhecidos.

Por alguma razão que eu ignorava eu fora escolhido. Dois dias depois uma carta de um amigo me explicou o mistério. O bilhete me fora enviado de uma prisão. O preso tinha sido executivo de uma multinacional. De repente, não mais que de repente, se deu conta de que a vida era muito breve e que a sua ver-

dade mais profunda era outra. Aquilo que estava fazendo não era o que desejava fazer. O que ele amava, mesmo, era a natureza com suas belezas e mistérios: o silêncio das montanhas cobertas de neve, as matas com suas árvores e seus bichos, os rios de águas transparentes.

E no entanto – ele o sabia – por todos os lados os homens de guerra a haviam violentado, enchendo-a de instrumentos de morte: fábricas de bombas nucleares, fortalezas subterrâneas onde se aninhavam foguetes cheios de morte. Que lhe adiantava entregar sua vida ao enriquecimento de uma multinacional se este mundo, nosso lar, poderia, a qualquer momento,

ser transformado numa imensa solidão: os homens mortos, as florestas queimadas, as montanhas solitárias, os rios correndo transformados em veneno?

Demitiu-se. Pensaram que um emprego melhor lhe tinha sido oferecido. Quando contou o que iria fazer julgaram-no louco. Desfez-se de tudo o que tinha: é preciso leveza, nada que segure. Pôs as poucas coisas que lhe eram necessárias numa mochila: pode-se viver com muito pouco. Entre suas coisas, dois ou três livros: é bom caminhar com aqueles que sonham os mesmos sonhos, ainda que estejam distantes e o que deles se tenha seja apenas o que escreveram.

Assim, mesmo longe, se forma a companhia dos conspiradores, pessoas que respiram o mesmo ar – com-inspirar. Ficamos amigos sem que nunca nos tenhamos encontrado. Sem ter casa fixa, juntou-se a um grupo de pacifistas. Mas, o que pode um grupinho insignificante contra o poder da morte? Muito pouco. Mas não importa. É preciso obedecer à voz interior da verdade. Contra a loucura forte dos homens de guerra só resta a loucura mansa dos homens de paz. Passaram, então, de forma obstinada e tranquila, a fazer uma única coisa.

Invadiam pacificamente as instalações nucleares, caminhavam na direção dos lugares onde se fabricava a morte, e se assentavam nos locais rigorosamente proibidos. Para quê? Só para dizer a sua verdade. Que prefeririam morrer a matar. Que a derrota militar é preferível à destruição do mundo. Mil anos de cativo são preferíveis a uma vitória nuclear. Pois no cativo permanece a esperança de que a vida poderá nascer livre de novo. Mas numa vitória nuclear só sobrarão os mortos.

A vida é um valor mais alto que as ilusões da guerra. Seu gesto manso durava pouco porque a morte não anda a pé. Logo chegavam os soldados armados que os levavam presos. E eram condenados pelos tribunais, por sua lealdade à verdade. Aquele bilhete esquisito me viera de uma dessas prisões. Dois anos atrás me escreveu de novo, de outra prisão. Seria libertado no dia seguinte e me dizia da sua alegria, pois dentro de poucas horas poderia de novo ver os céus estrelados. Contou-me o que acontecera.

Ele e seus amigos haviam resolvido repetir o mesmo gesto. Iriam se assentar sobre os silos atômicos – os lugares onde os foguetes ficam guardados, em posição de disparo – de uma instalação nuclear. O lugar era lindo, paraíso, re-

serva florestal cheia de todas as formas de vida. Por uma semana ali ficaram, gozando a beleza das matas, dos animais, dos rios. Descreveu-me as aves e os bichos. Disse-me da alegria mística que tal comunhão com a natureza lhe dava: sentimento muito próximo do sagrado – pois a natureza está cheia de beleza e de mistérios.

Depois de uma semana todos caminharam para os silos, assentaram-se sobre eles, e em poucos minutos estavam todos presos. No ano passado, duas semanas antes da Semana Santa, escreveu-me contando que iriam fazer coisas semelhantes no Domingo de Páscoa, para testemunhar o triunfo da vida sobre a morte. E agora, de novo fora da prisão, escreveu-me de um mosteiro trapista, no alto das montanhas rochosas. Preparava-se para subir até os lu-

gares mais altos, para usufruir uma semana de solidão e silêncio. Para longe do falatório, para perto da tranquilidade onde se pode ouvir a voz da verdade interior.

Longe, sem nunca tê-lo visto, ele me ajuda a viver. O mundo está cheio de pessoas simples e nobres, capazes dos gestos mais loucos por pura fidelidade à sua verdade. A vida, pelo mundo todo, e a despeito da morte que vai comendo corpos, florestas, mares e rios, continua a se afirmar teimosamente como uma planta que nasce numa fenda de rocha. Como a minha “Glória da Manhã”, que a morte cortou e continuou a florir, o LadonSheats (este é o seu nome) teima em florescer...

Fonte: ALVES, Rubem.
Tempus Fugit. São Paulo:
Paulinas, 1990, p. 21 -24.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇ *Frase para reflexão:* ◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇



“Não te esqueças de que o mundo é uma grande família. Considera o Céu como teu pai, a Terra como tua mãe e todas as coisas como teus irmãos e irmãs.”

Sabedoria chinesa



O vaso refrescante

A Índia possui regiões muito quentes e, por isso, o povo desse local desenvolveu uma técnica muito simples para refrescar o ambiente onde mora.

Ela consiste em colocar água dentro de um vaso de cerâmica que contém microfuros através dos quais a água sai para o ambiente em forma de vapor. Esse vaso é confeccionado artesanalmente e cuidadosamente desenhado e pintado em sua parte externa.

Um dia, um ancião estava moldando a argila para fazer um desses potes, quando seu neto, uma criança de oito anos, perguntou-lhe o que fazia. O avô aproveitou o interesse do menino para ensiná-lo a confeccionar o objeto,

mostrando-lhe a sua importância para o bem-estar das pessoas.

O garoto, então, perguntou por que o avô fazia tantos furos nas paredes do pote e qual o motivo dos desenhos tão perfeitos, uma vez que, depois do vaso pronto, a argila secaria e pouco se perceberia a pintura feita pelo lado de fora.

Com paciência, o ancião explicou:

- Meu neto, os furos são necessários para que a água possa sair de dentro do vaso em forma de vapor, e quando isso acontece, toda a parte externa do pote fica molhada, aparecendo, nitidamente, a beleza dos desenhos.

O mesmo ficou maravilhado e concluiu:

- Então, é preciso conservar o vaso sempre cheio de água vovô, pois assim todos podem ver sua beleza.

- Muito bem! – respondeu o avô entusiasmado com o neto, aproveitando a ocasião para dar mais uma lição ao garoto:

- Nós somos parecidos com este vaso: exalamos o que está em nosso interior. Se tivermos paz, transmitiremos paz para as pessoas com as quais convivemos e elas perceberão a beleza da paz em nossa fisionomia. O contrário também é verdadeiro. Se tivermos inquietude, transmitiremos inquietude para as pessoas, pois essa agitação será revelada através da nossa fisionomia ou gestos. É muito importante alimentarmos os

bons sentimentos para que possamos exalar bom cheiro no ambiente onde vivemos.

Nesse momento, o menino senta-se ao lado ao avô e, todo contente, passa a ajudá-lo na confecção do vaso.

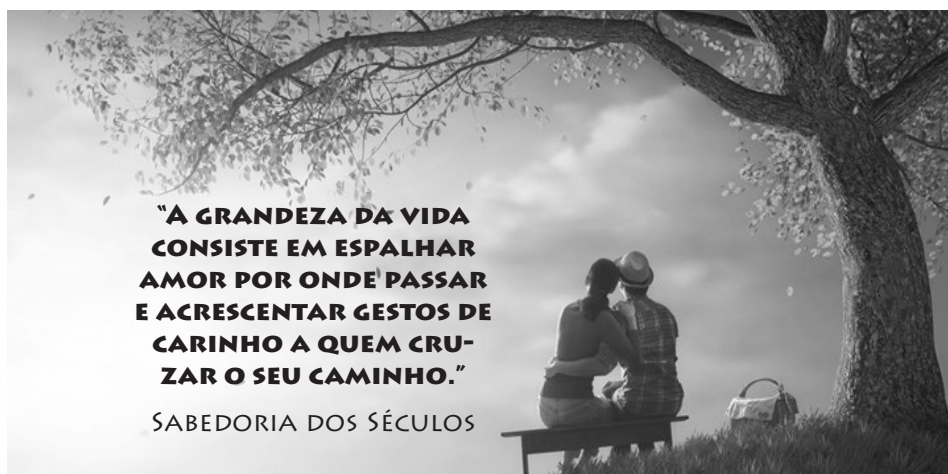
Perguntas para auxiliar a reflexão:

Que tipo de sentimentos você experimenta com mais intensidade em seu interior?

Considerando os seus sentimentos mais comuns, analise que tipo de contribuição você dá para o ambiente onde vive.

O que você transmite através de sua fala, fisionomia e gestos?

Fonte: SILVA, Maria Salette de Assis. A terapia das histórias. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 208 – 209.





O conto da cebola

Num país oriental, onde existem muitas coisas bonitas e onde se sonha acordado, havia uma horta que era a delícia dos vizinhos e de todos que ali passavam.

As cebolas são hortaliças muito apreciadas pelo homem por suas múltiplas aplicações para tornar os alimentos mais saborosos. Simples e humildes, elas guardam um segredo no coração.

As cebolas, juntamente com outras hortaliças frondosas e frescas, cresciam na horta em que as árvores frutíferas, com seus frutos primorosos e coloridos, abriam o apetite do mais austero penitente. As plantas que cresciam espontaneamente atapetavam a horta e ao mesmo tempo conservavam o seu frescor. Os pássaros com seus trinados completavam a harmonia da horta.

Inesperadamente, começaram a nascer cebolas especiais, cada uma de uma cor, com brilho e irradiações próprias.

Diante dessa mudança tão estranha das cebolas, os pesquisadores se interessaram em descobrir o segredo; e sua persistência levou-os a desvendar o mistério. Cada cebola tinha uma pedra preciosa no coração, causa de suas vistosas e radiantes cores.

Mas não foi aceita essa vaidade das cebolas. Especulou-se sobre a inadequação, a presunção, a vergonha de mostrar-se diferente dos padrões das cebolas e até com muitos perigos.

As esplêndidas cebolas tiveram que renunciar à sua vistosa ornamentação.

Passou por ali um sábio, talvez um ecologista, que conhe-

cia muito bem a linguagem das cebolas, e dialogou com elas. A todas fazia a mesma pergunta:

- Por que escondes debaixo de tantas capas o que há de mais belo no teu ser?

- Obrigaram-me a agir assim. Comecei por soltar uma capa, não parecia suficiente; soltei a segunda, e ainda não tinha certeza; soltei uma terceira, e o procedimento me pareceu eficaz; e assim fui sobrepondo capas.

Algumas cebolas, as mais tímidas, chegaram a cobrir seu coração com até dez capas. Havia quase esquecido o seu aspecto primitivo.

O ecologista, então, pôs-se a chorar. As pessoas acharam que chorar diante de uma cebola a quem descobrimos o coração é uma emoção digna de louvor.

E assim continuaremos nós, os homens deixando cair as pérolas de nossos olhos diante das cebolas, quando separarmos suas capas protetoras.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Que fatos ou acontecimentos obrigaram a cebola a cobrir-se com tantas capas? Por quê? Quais as consequências disso?

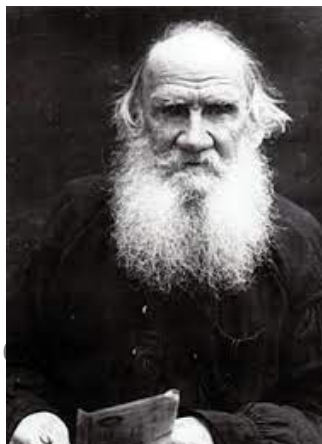
2. Identifique-se com um elemento da parábola: cebola, sábio, outras hortaliças... Como você agiria? Por quê?

3. Quais são as suas pedras preciosas? Quais são as suas capas? Como você pode arrancá-las?

4. Extraia todas as aplicações possíveis à vida social, familiar, do grupo e à vida de cada um.

5. Encene esta parábola com toda a originalidade e liberdade, fazendo algumas mudanças e explicando o porquê dessas mudanças.

*Fonte: FRANCIA, Alfonso.
Educar com Parábolas.
2ª.ed. São Paulo: Mundo
Mirim, 2010, p. 56 – 58.*



"O ser humano ama porque o amor é a essência de sua alma e por isso não pode deixar de amar."

Lev Tolstói, escritor russo.

(1828 - 1910)

Ser mais...

Ser assim...

Ser mais...

Na alegria do recomeçar.

Sendo no dia a vasta experiência intensa do coração.

Ser mais...

Com o passar dos dias, na cada dos que habitam a esperança.

Hoje é o tempo que se abre para este dia...

O dia da simples presença dos que habitam o seu caminho.

*Há uma forma de estar sempre, que não pode a morte limitar... é
quando colocamos o sabor da vida em cada instante...*

Cores de fundo, argila e carvão, pedra de barro, esculpida em casa...

Ser assim...

Ser festa...

*Na alegria da criançada brincando no terraço, com vista
para o dia que se vai...*

*Vida como semblante de criança, subindo e descendo pelo
coração das horas...*



*Nossa chegada da primavera...
Mais uma leve travessura, sorrindo de nós mesmos...
Simples alegria de não caber dentro de casa...
Doce caminho para o rio da manhã que se renova...*

*Vida que pulsa...
Vida que chama...
Ser mais...
Vida que segue...
Chama da vida...
Ser mais...
Ser mãos...
Ser assim...
Vida que emana luz,
Indo por volta das horas que dizem:
"chama a tua criança interior de volta"...*

*Ser feliz...
No passaporte para o dia que chega...
Ser em rios de simples remessa de gratidão...*

*Aprendiz das horas...
Ser assim...
Alegria da escuta, no tempo que refaz o tempo...
Agora sem mais tempo...
Pois eternizado está no coração de cada ser vivente...*

*Jorge Leão
Namastê!*

Conectar-se...



"Respirar pausadamente.

Perceber o corpo em toda sua extensão.

Desacelerar o ritmo da mente impulsiva.

Colocar intenção sincera nas atividades cotidianas.

Envolver a vida na conexão amorosa do Bem e agir livre e conscientemente nesta prática de ternura e compaixão a todo ser vivente.

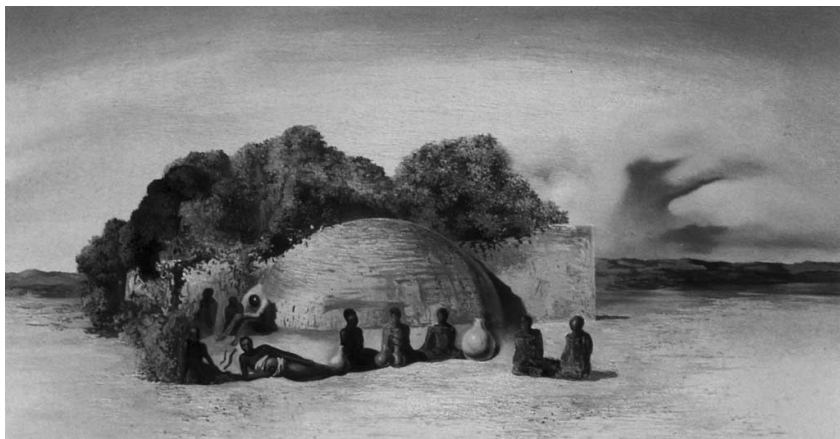
Agradecer pelo momento presente como uma dádiva única."

Sabedoria Budista

*"(...) a justiça é virtude
e sabedoria e a injustiça,
maldade e ignorância."*

Platão: "A República"
Livro I.





"Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão.

Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser.

Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si."

Paulo Freire: "Pedagogia da Esperança", p. 25.



"Quando existe amor, dele brota a compaixão e onde há compaixão há inteligência... que proporciona o sentido humano, estabilidade e uma profunda sensação de energia."

Krishnamurti

Alma Querida



"Seja forte e serena, destemida e terna, segura e suave...

Cante canções que acaltem a dor e apontem horizontes aos que tombam pelos caminhos da guerra...

Alimente a alma de amorosidade com tudo que vive e pulsa, dentro e fora de ti...

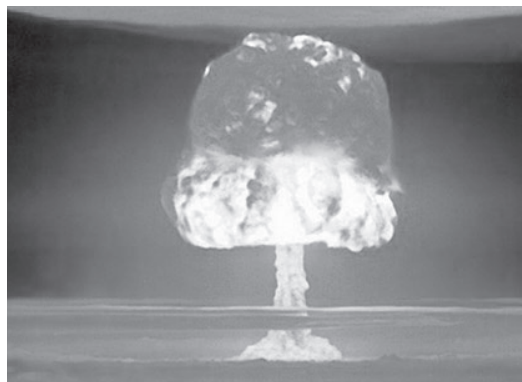
Continua, dedicada aprendiz, alpinista dos sonhos ancestrais que te movem como busca inquieta e Morada primeira...

O amanhã é o reflexo do teu plantio no presente... Aproveita, pois, o dia e semeia dádivas de encantamento e luz benfazeja aos que te acompanharão a jornada da vida..."

Sabedoria dos Séculos

"A ciência trouxe esse perigo [as armas nucleares], mas o verdadeiro problema está na mente e no coração dos homens... Quando tivermos clareza de coração e mente... só então encontraremos a coragem para superar o medo que assombra o mundo."

Albert Einstein
(1879 – 1955)





Mão de criança

*Tudo o que me leva o livro
cabe na palma da mão
de uma criança: o lugar
de onde se erguem os pássaros
da inocência,
em cujo canto
vai a verdade da vida."*

Thiago de Mello:

"De uma Vez Por Todas", p. 55.

"Não há fatalismo na conduta humana... A História a construímos nós e a História, por sua vez, nos constroi. Mas para que a História nos constrísse foi preciso que antes nós a constríssemos..."

Paulo Freire, em San Luis, Argentina, em 18 de agosto de 1996.



*"No limite, é a prática
do amor que importa."*

Pr. Henrique Vieira

